



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão
Licenciatura em História

MELQUIZEDEC CAVALCANTE CARDOSO

**REVISITANDO CANUDOS SOB O OLHAR DO ESCRITOR ARISTIDES
MILTON**

Delmiro Gouveia – AL
2021

MELQUIZEDEC CAVALCANTE CARDOSO

**REVISITANDO CANUDOS SOB O OLHAR DO ESCRITOR ARISTIDES
MILTON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas, Campus do
Sertão, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em história.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo Santana

Delmiro Gouveia – AL
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/22063

C377r Cardoso, Melquizedec Cavalcante

Revisitando Canudos sobre o olhar do escritor Aristides Milton /
Melquizedec Cavalcante Cardoso. – 2021.
38 f. : il.

Orientação: Pedro Abelardo Santana.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de
Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Canudos. 2. Historiografia. 3. Sertão. I. Título.

CDU: 981

Folha de Aprovação


MELQUIZEDEC CAVALCANTE CARDOSO

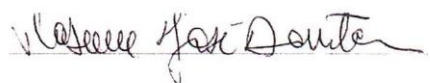
**REVISITANDO CANUDOS SOB O OLHAR DO ESCRITOR ARISTIDES
MILTON**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
corpo docente do curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão e aprovado em 30 de
setembro de 2021.


Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL (Orientador)

Banca examinadora:


Prof.º Marcos Manoel do Nascimento Silva, UFS (Examinador)


Prof. Me. Vladimir José Dantas, UFPE (Examinador)

REVISITANDO CANUDOS SOB O OLHAR DO ESCRITOR ARISTIDES MILTON

Melquizedec Cavalcante Cardoso

RESUMO

A Guerra de Canudos foi um marco importante na historiografia brasileira, os fatos daquele cenário de transição de poder do Brasil Império para o Brasil República, quanto o de transição de um século para outro, nos faz repensar através de um olhar crítico de Aristides Milton, em **A Campanha de Canudos**, que constrói uma narrativa bem esclarecedora dos principais fatos do conflito. De um lado, se tem um bando de jagunços e sertanejos pobres liderados por Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro e, do outro, representantes direto do Estado da nova ordem política da República junto a sua força de repressão que corresponde as forças militares. Este trabalho tem como fonte a obra de Milton, além de fazer uma análise comparativa com os escritos de Euclides da Cunha e Vargas Llosa sobre Canudos.

PALAVRAS-CHAVE: Canudos; historiografia; sertão.

ABSTRACT

The Canudos War was an important milestone in Brazilian historiography, the facts of that scenario of transition of power from Empire Brazil to Republic Brazil, as well as the transition from one century to another, make us rethink through a critical look by Aristides Milton, in **A Campanha de Canudos**, which builds a very clarifying narrative of the main facts of the conflict. On the one hand, there is a band of jagunços and poor sertanejos led by Antônio Vicente Mendes Maciel, better known as Antônio Conselheiro and, on the other, direct representatives of the State of the new political order of the Republic together with its repressive force that corresponds to the forces military. This work has as source the work of Milton, in addition to making a comparative analysis with the writings of Euclides da Cunha and Vargas Llosa on Canudos.

KEYWORDS: Canudos; historiography; hinterland.

Sumário

Introdução	6
1 Algumas visões sobre Canudos: a primeira análise de Euclides da Cunha	10
2 Canudos do ponto de vista do escritor Mario Vargas Llosa	16
2.1 Compreendendo o sertão literário dividido em três visões diferentes	25
3 A ótica de Aristides A. Milton sobre a Guerra de Canudos	28
4 Considerações finais.....	36
Referências.....	37

Introdução

Este trabalho tem como finalidade analisar criticamente o fato histórico ocorrido no sertão da Bahia, entre 1896 a 1897, conhecido como a Guerra de Canudos. Esse fato ocasionou várias discussões pela historiografia brasileira, assim como foi discutido fora do Brasil. Além do mais, deve se levar em consideração que o ocorrido em Canudos se dá em um momento de instabilidade política, porém é justamente esse fator instabilidade que impulsionou ao caos. Nessa análise das discussões historiográficas sobre Canudos é possível perceber que as opiniões se dividem em alguns determinados momentos assim como em outros se correlacionam. Um outro ponto que se deve levar em consideração é a formatação da ideia da construção do sertão e do homem sertanejo junto as suas características. Guerra de Canudos, na verdade, é um manancial de informação e discussões históricas que nos remete a compreender o que era aquele lugar que revolucionou a história do país.

A discussão desse tema surgiu da necessidade de se compreender algumas causas que motivaram de um lado um bando de sertanejos e do outro a nova ordem política recém instaurada junto de sua força de repressão, o Exército brasileiro, a chegar a níveis tão extremos que foi aquele conflito armado. Da parte dos sertanejos o que motivou esse caos foi a não aceitação da separação da Igreja do Estado, a implantação do casamento civil, as medidas de cobranças de impostos e a alteração no sistema de pesos e medidas gerando assim um desconforto na sociedade sertaneja, más sem deixar de ressaltar que o estopim do conflito armado foi a não entrega da madeira encomendada pelo Conselheiro para construção da Igreja no arraial. Já por parte do governo esse caos se deu por acreditar cegamente que o que estava acontecendo em Canudos nada mais era do que a construção de um Estado dentro do Estado afim de restaurar a monarquia.

Compreender as causas que ocasionou todo esse conflito tem como ponto de partida analisar minuciosamente os motivos por parte dos sertanejos e os motivos por parte do governo, é ir além do mero apanhado dos fatos, abrindo um espaço crítico voltado em compreender e discutir sobre as memórias de Canudos, justamente diante desse processo de análise das memórias do ocorrido que se percebe uma problemática do trabalho, ou seja, o conceito de memória dividida, fazendo uso de Alessandro Portelli (FERREIRA, 1998), que discute o conflito ocorrido no final da segunda guerra mundial em Civitella. O processo de construção da memória dividida ocorre nos dois cenários.

É importante apontar que, por mais que já se tenha passado mais de um século, o conflito de Canudos, nunca deixará de ser um objeto de estudo, pois faz parte da história do país. Apesar das várias obras que discutem essa temática, é um campo amplo que sempre pode ser acrescido de novas informações. Analisar a Guerra de Canudos é se atentar aos mais diversos detalhes desse acontecido. É de grande relevância buscar perceber se haveria alguma hipótese desse conflito não acontecer coisa que Aristides Milton discute em sua obra **A Campanha de Canudos**, pois a Guerra de Canudos foi um acontecimento que marcou muito a sociedade brasileira de forma que o governo buscou esquecer esse incidente para o país e para o Exército brasileiro.

Esse trabalho é uma reflexão historiográfica sobre a obra de Milton, além disso é feita uma breve reflexão na qual percebe-se que Canudos surgiu da necessidade do povo em busca de uma qualidade de vida melhor e não em oposição a nova forma de governo, sendo assim, por não se adequar à nova forma de governo, se tornou uma ameaça direta para o governo republicano. Diante desse cenário de discussões, a ameaça ao governo talvez só tenha sido mal interpretada (CRISTÓVÃO, 1994).

As fontes bibliográficas utilizadas na construção desse trabalho que busca analisar as causas do conflito, assim como a formação do sertão junto das características do homem sertanejo que digamos assim de partida se constrói a partir de uma visão dividida, além do mais esse processo de análise crítica sobre Canudos se torna bem amplo, levando em consideração cada detalhe.¹

Gostaria de deixar um pequeno espaço para introduzir a biografia do autor principal deste trabalho que é Aristides A. Milton.

Nasceu em Cachoeira, BA, em 29 de maio de 1848, e faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1904. Filho do major Tito Augusto Milton e Leopoldina Clementina Milton. Fez os estudos básicos no Ginásio Baiano, cujo diretor era Abílio César Borges, barão de Macaúbas. Bacharelou-se em 1868 pela Faculdade de Direito do Recife. Foi juiz municipal do termo de Lençóis (BA) e, pouco depois, juiz substituto de Salvador, juiz de direito no Piauí e em Maracás (BA). Apesar de magistrado, como observa Velho Sobrinho, foi eleito deputado provincial, por mais de uma vez, pelo partido Conservador e, de 1886 a 1889, deputado-geral, sendo um dos secretários da Câmara. Exerceu ainda o cargo de chefe de Polícia de Sergipe.

¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2016; LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008; MILTON, Aristides Augusto. **A Campanha de Canudos**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. Vol. 5. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1070> acessado em 16/12/2019; PORTELE, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944) <http://www.gpmina.ufma.br/O-massacre-Portelli>, acessado em 05/04/2021.

Fez parte do Conselho Municipal de Cachoeira, e presidente desse Conselho. Provedor da Santa Casa de Misericórdia de sua cidade. Colaborou no Correio da Bahia, órgão do partido Conservador, entre 1872 em 1876, fundou o Jornal de Cachoeira, com Castro Alves, redigiu O Futuro. Membro fundador do IGH/BA, colaborou em sua Revista. Na República, foi Constituinte Federal e reelegeu-se às quatro primeiras legislaturas. Presidiu a Comissão Especial encarregada de elaborar o Código Penal. Foi eleito sócio correspondente do IHGB em 1º de agosto de 1896. Publicou: “A campanha de Canudos” (R. IHGB, t. 63, p. 2), “A Constituição no Brasil”, Notícia histórica, RJ, 1895, Efemérides cachoeirenses, BA, 1903, “A República e a Federação no Brasil”, Acontecimentos na Bahia (R. IHGB, t. 60 p. 2), “Carta sobre a incumbência de escrever a história da Guerra de Canudos na Bahia” (R. IHGB, t. 58, p. 2), Discurso na sessão em honra de Vasco da Gama (R. IHGB, t. 41, p. 2).²

Estrutura do trabalho

No primeiro tópico deste trabalho teremos algumas visões sobre Canudos, como Euclides da Cunha descreve o ocorrido na obra **Os sertões**. Cunha se atenta como se dava a formação geográfica da região, suas condições climáticas, quais suas impressões sobre a mesma, onde já na parte correspondente ao homem se atenta a descrever de certa forma um breve perfil do homem sertanejo e faz um breve apontamento a força do mesmo, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2016, p. 133). Na parte que trata da luta, Euclides da Cunha atenta a apontar cada detalhe que levou ao conflito armado e como ele se deu.

Em seguida, terão também as discussões propostas por Mario Vargas Llosa, em **A guerra do fim do mundo** que, de maneira romantizada traça um perfil do Conselheiro, aponta como se dava suas peregrinações e suas pregações pelo sertão baiano no qual se dedicava a pregar o amor ao próximo e buscava preparar as almas para os fins do tempo, sendo que o próprio título da obra já remete a essa ideia de fim dos tempos, já que de alguma forma o Conselheiro junto de seus seguidores acreditavam que a República seria o anticristo na terra e o exército brasileiro estaria a serviço do mau. Para além disso, Mario Vargas Llosa se dedica a fazer um levantamento de todos os indivíduos mais importantes recrutados pelo Conselheiro como, por exemplo, Antônio Beatinho, João Abade, Pedrão, Pajeú e outros, e finaliza sua obra descrevendo os acontecimentos do conflito de maneira romantizada.

Serão discutidas as três visões literárias na composição do sertão - paraíso, inferno, purgatório - (Cristóvão, 1994). Na primeira visão do sertão como paraíso se dá a partir da

² Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/aamilton.html>>. Acessado em: 05/07/2021.

análise da sua composição geográfica, seus relevos ganham grandes destaques, assim como sua fauna e flora rica e bem diversificada com espécies típicas da região, como também é levado em consideração a bravura do vaqueiro e a cordialidade do povo sertanejo. Na visão do sertão como inferno, ela se contrapõe a visão de paraíso, pois essa visão de inferno surge diante da má formação social, pelo elevado índice de pobreza e de violência causadas tanto por parte dos cangaceiros como por parte das volantes que por meio do poder a eles instituídos para reestabelecer a ordem na maioria das vezes se excediam causando mais violência na região. Na visão do sertão como purgatório, se dá transição do sertão inferno para o sertão paraíso, ou seja, o sertão é tido como um local de penitência onde prevalecem as crenças do imaginário, envolve o sobrenatural como Deus e o Diabo.

O trabalho ainda discutirá sobre o conceito de memória dividida como mostra Alessandro Portelli (PORTELLI, in FERREIRA, 1995, p. 4): “Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”. O campo de análise das memórias deve se atentar a diversos valores e fatores dos envolvidos no ocorrido, pois essas memórias podem se fragmentar e tendem a se dividir em muitas. Quando se vai fazer uma análise de memórias se deve ponderar todos os fatos em questão, seja eles de viés cultural, social, linguístico.

No tópico três se analisará qual a visão de Aristides Augusto Milton sobre a Guerra de Canudos tomando como base a sua obra **A Campanha de Canudos**, a qual é construída por diversas fontes, porém as mais utilizadas são os telegramas trocados entre oficiais do Exército e o governo. Aristides Milton aponta questões como as controvérsias sobre o que estava acontecendo em Canudos ser de interesse político buscando restaurar a monarquia (2003, p. 13). Afirma que, “É certo, porém, não se ter nunca prova de que os monarquistas estivessem de inteligência com os habitantes de Canudos; pelo contrário, se liquidou que não passava de balela o boato, que circulara, de haverem muitos dentre eles enviado somas avultadas ao Conselheiro”. Além do mais, Aristides Milton atenta a descrever as causas que motivaram ao conflito, assim como o desenrolar do conflito e, nesse processo de descrição, faz uso de telegramas constantes entre os oficiais do Exército e o governo para tornar mais explícito o cenário de luta.

1 Algumas visões sobre Canudos: a primeira análise de Euclides da Cunha

Analisar um tema tão discutido pela historiografia como a Guerra de Canudos não seria possível sem antes compreender como Euclides da Cunha a descreve em **Os Sertões**. Cunha foi bem detalhista, no tópico “A Terra”, o autor traz questões como o clima da região, as secas, enfim o contexto geográfico da região e sobre algumas impressões da mesma. Cunha (2016, p. 48), afirma que “As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos”. Na segunda parte, “O Homem”, é possível perceber questionamentos sobre a complexidade do problema etnológico do país, sobre o contraste do povo sertanejo, é uma parte muito relevante, Cunha faz breve comparação entre as duas partes envolvidas, ou seja, entre o povo sertanejo que se sujeitava a vida simples e humilde do interior frente ao exército vindo de regiões litorâneas.

Para Cunha (2016, p. 133), “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Essa colocação do autor é ambígua, pois a princípio se dá a entender como sendo um elogio ao povo sertanejo, porém ao mesmo tempo aparenta ser uma crítica. Em seguida, descreve as características do povo sertanejo, como a forma de andar sem firmeza ou a postura abatida, entre umas outras infinitudes de colocações, a princípio negativas, sem deixar de lado a comparação feita entre o sertanejo e os homens do exército brasileiro, os quais viviam no conforto da civilização litorânea. Na comparação de Cunha o sertanejo se mostrava como inferior, porém, diz que aquela aparência do sertanejo iludia.

Sobre a parte dois, “O Homem”, no espaço destinado a Antônio Conselheiro, Cunha (2016, p. 163) diz que “Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante”. Para Cunha (2016), tanto o fetichismo quanto o misticismo foram fatores decisivos para justificar a agitação que surgiu. Mas, é preciso considerar uma nota preliminar de **Os Sertões**, na qual, para Cunha a campanha de Canudos foi um crime, o qual deveria ser denunciado. Esse apontamento vai ser validado na parte três, “A Luta”, que narra detalhadamente o conflito, sendo possível perceber alguns personagens principais de ambos os lados.

Para Cunha (2016), o mal do sertão era um problema antigo e quando o Estado tenta pacificar Canudos, sendo que o Estado da Bahia já vinha de outras insurreições, de outras lutas contra a ordem estabelecida. Daí, a preocupação do governo era apaziguar qualquer afronta ao poder público, porque a República recém instaurada ainda buscava se consolidar.

Qualquer afronta se tornaria uma ameaça ao governo, justamente Canudos é se torna essa ameaça. A seguir, farei um resumo dessa história, começando pelos sertanejos que viviam em situações degradantes e esquecidos pelo poder público, que encontram na fé em um homem por nome de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, a oportunidade de vencer os problemas naturais daquela região.

O Conselheiro não reconhecia o governo republicano por dois fatores. Primeiro, a separação da Igreja do Estado e a implantação do casamento Civil, sem deixar de lado o fator cobrança de imposto. Porém, para o outro lado da moeda, o Estado, Canudos nada mais era do que um Estado dentro do Estado se tornando assim uma ameaça na qual era sempre associada a monarquia. Segundo Cunha, qual foi o estopim dessa luta:

Antônio Conselheiro adquirira em Juazeiro certa quantidade de madeira, que não podiam fornecer-lhe as caatingas paupérrimas de Canudos. Contratara o negócio com um dos representantes da autoridade daquela cidade. Mas ao terminar o prazo ajustado para o recebimento do material, que se aplicaria no remate da igreja nova, não lho entregaram. Tudo denuncia que o distrato foi adrede feito, visando o rompimento anelado (CUNHA, 2016, p. 229).

Segundo Cunha (2016), a entrega da madeira comprada por Conselheiro não foi realizada por conta de uma velha rixa entre o mais influente representante da justiça do Juazeiro com o Conselheiro. É preciso enfatizar que, a parte três, “A Luta”, detalha o conflito mostrando as quatro expedições do exército a mando do governo para enfrentar o povo sertanejo. As três primeiras expedições fracassaram, para a surpresa do exército, do governo e do país, enquanto a quarta expedição sai vitoriosa, porém essa vitória está sujeita as mais diversas críticas, seja por parte do próprio Cunha e da historiografia brasileira. Essa vitória mancha a honra nacional.

À frente da primeira expedição está o Tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, a frente da segunda o Major Febrônio de Brito, a frente da terceira o Coronel Antônio Moreira César, o mais célebre no contexto dessa guerra e, por fim, a frente da quarta expedição o General Artur Oscar de Andrade Guimarães. Quatro nomes fundamentais para análise do conflito. Por parte dos sertanejos, os nomes em destaques são Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, João Abade, uma espécie de braço direito de Conselheiro, até mesmo Pajeú, espécie de lutador destemido, primitivo e feroz, outro nome a ser levado em questão é o de Antônio o Beatinho, espécie de ajudante do Conselheiro.

O primeiro fator percebido que fez as três primeiras expedições fracassarem foi a auto confiança por parte do governo e do exército, que sempre acreditando na vitória certa, por enfrentar o que eles chamam de raça inferior, sem treinamento e sem armamento. O primeiro

combate ocorrerá em Uauá com o tenente Pires e seu quantitativo de 100 praças. Para Cunha (2016), o governo não deu a atenção necessária aos relatos do Fr. João Evangelista que falava sobre um quantitativo de mil homens fortes e disponíveis para luta, sendo excluído desse cenário no relato, as mulheres, crianças e velhos vistos por lá.

A autoconfiança foi um fator determinante para a derrota das três primeiras expedições, porém a crítica se resume a segunda falha do exército que é a questão da tática de luta. Ou seja, é possível perceber na segunda expedição comandada por Major Febrônio de Brito uma desordem e falta de tática e essa tática que faltava ao exército tinham de sobra os sertanejos. Segundo Cunha (2016), a tática do sertanejo era se dividir para fortalecer ou conquistar, ou seja, buscavam acabar com a formação da tropa, dispersando para, dessa forma, conseguir obter mais êxito no confronto, levando a luta até o corpo. Para Cunha, essa tática do sertanejo era herança do africano e do índio, essa herança se remete ao problema etnológico. Além da tática, o sertanejo tinha um aliado natural a seu favor:

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Traçam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias para o matuto que ali nasceu e cresceu. (CUNHA, 2016, p. 241)

Com relação a segunda expedição, Cunha traz um apontamento (2016, p. 245), diz que “A luta é desigual. A força militar decaiu, a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra”. Esse aliado natural, ou seja, a terra foi muito importante para as três primeiras vitórias sertanejas, assim como para a resistência à quarta expedição. Porém, quando se falou de tática, conhecer o terreno hostil é uma tática de guerra, não foi feita pelo exército ao primeiro momento, assim o povo sertanejo que conhecia cada palmo daquela terra se via com uma vantagem, mostrando que a auto confiança do exército ficara em frangalhos e que a diferença de armamento também se tornava insignificante diante daquele cenário tão acolhedor ao amigo e terrível aos forasteiros.

Cunha (2016) afirma que após as derrotas das duas primeiras expedições, o governo passa a ver aquela situação não mais como um problema isolado do Estado da Bahia, mas como um problema do país inteiro, Canudos como uma afronta a soberania do Estado. Além disso, houve muitas informações infundadas e divergentes sobre o quantitativo de homens do Conselheiro, ora se dizia ter um número de 500 homens, ora os estimavam em uma média de 5.000 homens. Conhecer o quantitativo exato do inimigo também é uma tática de luta que o exército deixou a desejar, desta forma, o exército por autoconfiança na sua capacidade e no seu poder de fogo acabara por se prejudicar.

Se explica o porquê da derrota das três primeiras expedições, segundo Cunha (2016): 1º excesso de confiança, 2º falta de reconhecimento do terreno do inimigo e seu quantitativo combatentes, 3º má formação frente ao inimigo, 4º perda ou má orientação de como conduzir o aparato de guerra. Esses pontos destacados são tão importantes que o próprio autor aponta como as forças combatentes deveriam proceder diante do inimigo. Cunha (2016, p. 263) relata que “Em síntese, as forças, dispersas em marcha, a partir da base das operações, deviam ir, a pouco e pouco, apertando os fanáticos, concentrar-se em Canudos”. O autor sugere uma tática de luta, mas sempre foi feito ao contrário. Cunha diz (2016, p. 263), “Fez-se sempre o contrário. Partiam unidas, em colunas dentro da estrutura maciça das brigadas. Avançavam emboladas pelos caminhos em fora. Iam dispersar-se, repentinamente em Canudos”.

Quanto ao entusiasmo dos sertanejos em combate, ao mesmo tempo em que estavam na luta gritavam vivas ao bom Jesus:

O recontro fez-se em vozeria em que, através dos costumeiros vivas ao “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, rompiam brandos escandalosos de linguagem solta, apóstrofes insolentes, e entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha soaria invariável como um estribilho irônico: “Avança! Fraqueza do governo! (CUNHA, 2016, p. 269)

Referente a coragem com que os sertanejos se dedicavam ao combate, Cunha (2016, p. 276) relata que, “A primeira vítima foi um cabo do 9º. Morreu matando. Ficou trespassado na sua baioneta o jagunço que o abatera atravessando-o com o ferrão de vaqueiro”. Ainda para reforçar esse contexto, é possível ver outra situação que enfatiza esse cenário de luta e o quanto o sertanejo surpreende a cada vez que a batalha se estende, o sertanejo tinha sido prejudicado como sendo inferior, porém se mostrava cada vez mais superior ao exército:

Tomara-lhe a frente um mamaluco possante rosto de bronze afeiado pela pátina das sardas de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto. Este campeador terrível ficou desconhecido à história. Perdeu-se-lhe o nome. Mas não a imprecação altiva que arrojou sobre a vozeria e sobre os estampidos, ao saltar sobre o canhão da direita, que abarcou nos braços musculosos, como se estrangulasse um monstro: “Viram, canalhas, o que é ter coragem?! (CUNHA, 2016, p. 276)

Sobre a terceira expedição comandada pelo Coronel Antônio Moreira César, Cunha (2016, p. 291) diz que, “Ora, de todo o exército, um coronel de infantaria, Antônio Moreira César, era quem parecia haver herdado a tenacidade rara do grande debelador de revoltas”. Era uma época de instabilidade política, Cunha (2016, p. 289) diz que, “O governo civil, iniciado em 1894, não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada. Encontrara o país dividido em vitoriosos e vencidos”. Essa afirmação nos remete a turbulência da

transição de poder do Império a República. O povo se encontrava dividido, com a nova forma de governo surge um conjunto de leis, regras e normas a serem seguidas, sendo que para o povo daquele período, a separação da igreja do Estado foi algo que impactou muito.

No tópico em que dedicou a falar sobre o Coronel Moreira César, Cunha escreve “Moreira César e o meio que o celebrizou”, esse celebrizou aqui em questão foi algo fundamental para analisar o porque da terceira expedição ter um peso maior do que as demais frente a figura em questão o Coronel Moreira César:

Aos que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio cruelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços característicos nem de um, nem de outro. Isto, talvez, porque fosse as duas coisas ao mesmo tempo (CUNHA, 2016, p. 293)

Houve todo um prestígio criado para com a sua imagem por conta da participação na Campanha Federalista do Rio Grande, em outras palavras Moreira César foi consagrado a ser o herói da pátria, mesmo diante de tanto renome, havia um problema que poderia atrapalhar o comando da operação, pois sofria do mal de epilepsia:

Chegara, porém, mal auspiciada. Um dia antes a inervação doentia do comandante explodira numa convulsão epileptiforme, em plena estrada, antes do sítio de Quirinquinquá; e fora de caráter tal que os cinco médicos do corpo de saúde previram uma reprodução de lastimáveis consequências (CUNHA, 2016, p. 298)

Além do problema de saúde, Moreira César tinha que lidar com a inteligência de combate dos sertanejos em fazer trincheiras para ataque e defesa, assim como havia uma grande preocupação com o funcionamento das armas, com a pólvora, munição e com o quantitativo de homens disponível para o combate, ou seja, é possível se perceber uma inversão da situação ao primeiro olhar, pois o sertanejo enganava pela sua simplicidade e aparência fraca, porém diante do combate se mostraram verdadeiros titãs.

É necessário trazer os pontos mais relevantes desse conflito. Para Cunha (2016), o fator decisivo para a vitória dos sertanejos sobre a terceira expedição foi o Coronel Moreira César ter sido atingido no ventre por uma bala, ficando a cargo do Coronel Tamarindo substituí-lo, fora em seguida abatido, ficando a tropa sem comando, restando apenas a alternativa de bater em retirada. Apesar de a expedição Moreira César ter sido a mais badalada, foi a mais fracassada. Cunha (2016, p. 346), afirma que “A expedição Moreira César parecia ter tido um objetivo único: entregar-lhes tudo aquilo, dar-lhes de graça todo aquele armamento moderno e municia-los largamente”.

Com a derrota da terceira expedição, Cunha (2016, p. 346-7) afirma que “A força do governo era agora realmente a fraqueza do governo, denominação irônica destinada a permanecer por todo o curso da campanha”. Antes de falar sobre a quarta expedição, devemos compreender como ela surgiu:

A quarta expedição organizou-se através de grande comoção nacional, que se traduziu em atos contrapostos à própria gravidade dos fatos. Foi a princípio o espanto; depois um desvairamento geral da opinião; um intenso agitar de conjeturas para explicar o inconcebível do acontecimento e induzir uma razão de ser qualquer para aquele esmagamento de uma força numerosa, bem aparelhada e tendo chefe de tal quilate (CUNHA, 2016, p. 351)

O exército, o governo e a nação ficaram abaladas com a derrota da expedição Moreira César, o impacto foi tão grande que, segundo Cunha (2016), era necessária uma explicação qualquer para se justificar o número de sucessos por parte de Canudos. A quarta expedição surgiu da necessidade de limpar a honra do exército, do governo e de estabilizar a situação no país. Uma expedição foi arquitetada dessa maneira, confusa e repleta de ódio da derrota e da vergonha que passara, não poderia ter um final feliz a não ser chegar ao caos e a níveis altos da violência. Não mais era uma batalha, mas sim uma vingança, a quarta expedição era uma continuação do conflito, porém seus ideais agora partiam da raiva, do ódio e da vergonha.

Para Cunha (2016, p. 355), a reação por parte dos sertanejos seria algo natural, porém o que impactou foi dizer que “Canudos era uma tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições”. Por esse motivo que a surpresa se tornará cada vez maior, o governo subestimou o povo sertanejo e sua capacidade de sobreviver, de se defender, isso foi um fator surpresa e decisivo, se invertem os papéis, o fraco virou forte e o forte se tornou fraco, até cômico, pois a certeza de vitória garantida por parte do exército e do governo se converteu há um desejo de vingança compulsivo.

2 Canudos do ponto de vista do escritor Mario Vargas Llosa

Neste tópico vou analisar a visão de Vargas Llosa sobre Canudos presente na obra **A guerra do fim do mundo**. O título da obra já chama à atenção, pois abre uma interrogação no interlocutor que pensa, como assim guerra do fim do mundo? Se tratava de um conflito que envolvia fé por parte dos conselheiristas que, de alguma forma, acreditavam que a República fosse o cão e que os soldados do exército estivessem a seu serviço e o conflito armado anunciaria o fim dos tempos. Outra observação é que o autor descreve a guerra de Canudos de maneira romantizada, sendo possível ver um enredo que dá vida aos personagens, além disto, a prioridade da obra é traçar um perfil do Conselheiro abordando desde sua aparência, crença, peregrinação e habilidade de tocar no coração das pessoas do sertão. Segundo Llosa,

O homem era alto e tão magro que parecia estar sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos, proeminentes, e seus olhos flamejavam com um fogo perpétuo. Usava sandálias de pastor e a túnica roxa que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito daqueles missionários que, vez por outra, visitavam as vilas do sertão batizando multidões de crianças e casando os pares amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas havia algo na sua expressão tranquila, nos seus costumes frugais, na sua imperturbável seriedade que, antes mesmo de começar a dar conselhos, atraía as pessoas (2008, p. 15).

Vargas Llosa (2008), afirma que o Conselheiro falava sobre coisas simples, porém importantes e o fazia sem dar preferência para qualquer indivíduo no qual esses eram velhos, mulheres, homens e crianças, coisas como por exemplo: Juízo Final, fim dos tempos, céu, inferno, morte, assim como também sobre o comportamento de alguns pastores que ao invés de ajudar os pobres os explorava financeiramente, além de fornicarem tendo feito voto de castidade. Dá pra perceber de forma superficial que o desejo do Conselheiro era pregar o bem e o amor ao próximo assim como fez Jesus Cristo, porém é possível perceber que o Conselheiro também queria livrar o mundo do mau e preparar as almas para o fim dos tempos, porém se torna meio contraditório esse desejo do seu coração quando se reflete sobre os jagunços por ele convocados a servir o bom Jesus. A palavra contradição define os dois lados da moeda, pois nesse cenário de fé e guerra tanto os conselheiristas, quanto o governo e o exército trazem evidências contraditórias do conflito.

Vargas Llosa descreve sobre um personagem fundamental nessa história que é Antônio, o beatinho, nascido em Pombal, filho de Tibúrcio da Mota e sua amante inválida. Fica órfão após uma seca grande que fez todo mundo migrar, menos seu pai e família, pois o mesmo não se ariscava sair dali. Arrumou-se com um pai adotivo conhecido como caolho, o

qual fazia de Antônio uma espécie de escravo e foi essa situação que o fez fazer catecismo e se identificar com a religiosidade. Com a chegada do Conselheiro por essa região, o beatinho não pensou duas vezes para ir com o mesmo, porém teve que pagar um preço, que foi o sacrifício da carne, ou seja, um arrame preso ao corpo o qual flagelava à carne.

Vargas Llosa fala sobre os irmãos Vilanova que são Antônio e Honório, sobre João Abade, antes conhecido como João Satã por suas inúmeras maldades, e de uma infinidade de personagens desse contexto histórico. Dentre os pontos mais relevantes da obra **A guerra do fim do mundo**, antes de se dar início a guerra de Canudos, o Estado já tinha travado outra guerra denominada de guerra política por poder, a partir de dois partidos políticos da época, de um lado o Partido Republicano Progressista, de Epaminondas Gonçalves e, do outro, o Partido Autonomista do Barão de Canabrava, ambos viviam em pé de guerra pelo poder. Isso se estendia no jornal de ambos, o de notícias de Epaminondas, como no Diário da Bahia de Canabrava. O Conselheiro tinha que enfrentar alguns problemas naturais:

Durante a seca de 1877, nos meses de fome e epidemias que mataram a metade dos homens e animais da região, o Conselheiro não peregrinava mais sozinho. Ia acompanhado, ou melhor, seguido (nem parecia notar a esteira humana que prolongava suas pegadas) por homens e mulheres que, alguns tocados na alma por seus conselhos, outros por curiosidade ou simples inércia, abandonavam tudo o que tinham para ir atrás dele. Alguns o escoltavam por um trecho do caminho, outros poucos pareciam estar ao seu lado para sempre. Apesar da seca, ele continuava andando, por mais que os campos agora estivessem cobertos de ossadas ainda sendo bicadas pelos urubus, ou que só encontrasse povoados semidesertos (LLOSA, 2008, p. 29).

O respeito que os cangaceiros e bandoleiros tinham pelo Conselheiro, se percebe quando Vargas Llosa (2008, p. 29) diz, “Chegavam, vorazes e homicidas, a povoados já dizimados pela catástrofe para se apoderar dos últimos restos de comida, objetos e vestimentas, e matar a tiros os moradores que se atrevessem a enfrentá-los. Mas nunca ofenderam o Conselheiro com palavras ou atos”. Diante do respeito prestado ao Conselheiro, o autor aponta o recrutamento feito por parte do Conselheiro para com os cangaceiros:

Que se eles queriam salvar a alma deviam preparar-se para os combates que se travariam quando os demônios do Anticristo que seria o próprio Cão vindo à Terra para recrutar adeptos invadissem o sertão como uma mancha de fogo. Da mesma maneira que os vaqueiros, peões, libertos e escravos, os cangaceiros também refletiam. E alguns deles o tímido Pajeú, o enorme Pedrão e até o mais sanguinário de todos: João Satã se arrependiam dos seus crimes, convertiam-se ao bem e o seguiam (LLOSA, 2008, p. 30)

O Conselheiro, segundo Vargas Llosa (2008), se tornou conhecido por todo o sertão baiano por suas várias peregrinações, se torna conhecido dos párocos, os mesmos o recebiam

bem e davam a oportunidade para falar com os fiéis, como era o caso dos padres de Tucano e do Cumbe, porém tinha aqueles que se posicionavam contrário ao Conselheiro e o combatiam, era o caso dos padres de Entre Rios e de Itapicuru. Segundo Vargas Llosa, a notícia da abolição da escravidão em 1888 só chegará ao sertão meses depois ao decreto como era de costume, assim como também no ano seguinte com atraso receberá a notícia da mudança de governo, de Império para República, porém, a princípio, para o Conselheiro essa mudança não afetaria muita coisa na rotina do povo sertanejo:

O que havia mudado para eles além de alguns nomes? Não era esta a mesma paisagem de terra seca e céu cinzento de sempre? E, embora já houvessem passado vários anos desde a seca, a região não continuava curando suas feridas, chorando seus mortos, tentando ressuscitar os bens perdidos? O que havia mudado na atormentada terra do Norte, agora que havia presidente em vez de imperador? Não continuava o lavrador lutando contra a esterilidade do solo e a avareza da água para fazer o milho, o feijão, a batata, a macaxeira brotarem e para manter vivos os porcos, as galinhas e as cabras? Não continuavam as vilas repletas de desocupados e os caminhos perigosos por causa dos bandidos? Não se viam exércitos de mendigos em toda parte, como reminiscência das desgraças de 1877? Os contadores de histórias não eram os mesmos? As casas do Bom Jesus não continuavam, apesar dos esforços do Conselheiro, caindo aos pedaços? (LLOSA, 2008, p. 33)

Com o caminhar da nova forma de governo, o Conselheiro e o povo do sertão começaram a perceber as mudanças causadas e o impacto que trouxe a vida daquele povo. Por isso, segundo Vargas Llosa (2008) houve mudanças com certeza: a separação da Igreja do Estado, a instituição do casamento civil, a criação do sistema métrico decimal no qual a vara e o palmo abrem espaço para o metro e o centímetro. Assim como o censo, tudo isso causou uma confusão grande na cabeça daquelas pessoas e essa confusão aumenta com a cobrança de impostos. Segundo Vargas Llosa (2008, p. 34), “o instinto animal, o senso comum e séculos de experiência fizeram o povo compreender que aquilo seria talvez pior que a seca, que os arrecadadores acabariam ficando mais vorazes que os abutres e os bandidos”.

Para o povo em Canudos não havia necessidade do casamento civil, pois em Canudos o pessoal se unia e desunia livremente desde que fosse da vontade de ambos, homem e mulher e não havia uma preocupação com a paternidade no contexto de legítimo ou ilegítimo. Pois, segundo o Conselheiro todos eram legítimos simplesmente por nascerem. Vargas Llosa (2008, p. 60), aponta que “Uma coisa significativa: o povo em Canudos chama a si mesmo de jagunços, palavra que quer dizer rebeldes”. A visão que tanto a Igreja quanto a República tinham de Canudos era de um Estado dentro do Estado que visava viver com base em suas próprias regras e crenças, se limitando a viver em prol do coletivo, onde tudo era de

todos, pois o Conselheiro acreditava que o céu era a verdadeira riqueza sendo assim não haveria necessidade de uma vida repleta de luxo nessa terra.

Segundo Vargas Llosa (2008), o Conselheiro acompanhava de perto todo o trabalho da construção do templo, eram bem divididas as tarefas atribuídas a cada um. Percebe-se que o Conselheiro colocou um sorriso no rosto sofrido daquelas pessoas assim como encheu seus espíritos de esperanças e, ainda, fez Canudos prosperar no contexto alimentício. Vargas Llosa (2008, p. 65), afirma que “Não faltava o que comer. Havia cereais, legumes, carnes, e, como o Vaza-Barris tinha água, podia-se plantar. Os que chegavam traziam provisões, e de outros povoados costumavam receber aves, coelhos, porcos, grãos, cabritos”. Por se tratar de uma pessoa que já tinha experiência com armazém por ter sido comerciante, o Conselheiro deixa nas mãos de Antônio Vilanova a responsabilidade de armazenar e distribuir os mantimentos.

Segundo Vargas Llosa (2008), a vida em Canudos era calma, que havia alguns contratempos como: alguém que fumava ou bebia escondido que era proibido, mas nada que se perdesse o controle da situação, além do mais todos estavam preocupados e dedicados ao bem coletivo. Tinha também uma certa implicação por parte das mulheres com as perdas ou como diz o autor, as “madalenas” que chegaram a Canudos após muitos sacrifícios e se prostraram aos pés do Conselheiro pedindo perdão dos seus pecados. No mais, em Canudos nada saía do controle do Conselheiro:

Mas, de modo geral, a vida era pacífica e reinava um espírito de colaboração entre os moradores. Uma fonte de problemas era o inaceitável dinheiro da República: se surpreendessem alguém utilizando-o em qualquer transação, os homens do Conselheiro lhe tiravam tudo o que tivesse e expulsavam de Canudos. O comércio era feito com as moedas que tinham a efígie do imperador dom Pedro ou da sua filha, a princesa Isabel, mas, como elas eram escassas, generalizou-se a permuta de produtos e de serviços. Trocavam-se alpargatas por rapaduras, galinhas por tratamentos de ervas, farinha por ferraduras, telhas por tecidos, redes por facões e o trabalho, em roças, casas, currais, era retribuído com trabalho. Ninguém cobrava pelo tempo e o esforço dedicados ao Bom Jesus (LLOSA, 2008, p. 66).

Não se poderia deixar de lado quem foi o cérebro do conflito armado na resistência de Canudos às quatro expedições, isto é, João Abade, como ficou conhecido após sua conversão ao Conselheiro para servir ao Bom Jesus. Segundo Vargas Llosa (2008), João entra para vida bandida aos doze anos após ter seus tios assassinados na sua frente pelo alferes Geraldo Macedo na cidade de Custódia. João jurou vingança para com os moradores, sendo assim, entrou para o cangaço como uma espécie de serviçal do bando, porém foi evoluindo no mundo do crime ao ponto de se tornar parceiro de crime e chefe do bando, além disso, sua fome de vingança o deixou mais violento que os demais cangaceiros, assim como sua recusa

as coisas divinas eram evidentes antes de conhecer o Conselheiro. Atendeu por diversos nomes ao longo de sua vida:

A verdade é que, ao contrário dos outros homens do cangaço, que andavam cheios de medalhas, faziam o sinal da cruz diante de todos os crucifixos e calvários e, pelo menos uma vez por ano, entravam em algum povoado para que o padre os reconciasse com Deus, João (que no começo se chamara João Chico, depois João Rápido, depois João Cabra Tranquilo e agora se chamava João Satã) parecia desprezar a religião e aceitar de bom grado pagar suas incomensuráveis culpas no inferno (LLOSA, 2008, p. 73).

A obra **A guerra do fim do mundo** traça um perfil do Conselheiro, foi escrita de maneira romântica e envolve quesitos como honra e vingança, poder e paixão, fé e loucura. Traz um personagem não citado por Euclides da Cunha, mas que se tornou uma peça chave para o desenrolar do conflito. Vargas Llosa descreve esse personagem que atende pelo nome de Galileo Gall, de origem escocesa e que se auto define como um revolucionário e que vê Canudos como uma revolução, na qual o político e dono do jornal Epaminondas Gonçalves busca se envolver na história do conflito de forma indireta para ajudar o povo de Canudos, fazendo uso de Galileo Gall como massa de manobra para se auto ajudar no campo da política, tirando de cena o barão de Canabrava, seu maior rival. Vargas Llosa (2008, p. 81), descreve que “Era ético para um revolucionário conspirar com um politiquês burguês? Sim, se a conspiração ajudasse os jagunços. E levar armas para eles seria, sempre, a melhor maneira de ajuda-los”.

Segundo Vargas Llosa (2008), isso seria o começo de uma problemática, ou seja, antes mesmo do conflito armado em Canudos, o país já passava por um conflito político e a briga pelo poder era constante. Esse embate político se dava entre as duas figuras citadas: Epaminondas Gonçalves e o barão de Canabrava. A política do barão era mais conservadora, embasada em alguns formatos monárquicos já que o mesmo era um latifundiário, enquanto isso, o seu rival Epaminondas era um visionário do progresso que abraçava a República com as duas mãos, a ponto de fazer qualquer coisa para vencer nos seus objetivos. É necessário relatar que essa conspiração entre Epaminondas e Gall não passava de um plano mirabolante de Epaminondas afim de resolver seus problemas políticos.

Segundo Vargas Llosa (2008), Epaminondas comprara armas de fabricação inglesa para que Gall as levasse a Canudos, porém o verdadeiro plano de Epaminondas era matar Gall e apontar ele como sendo de origem inglesa e a serviço da coroa inglesa para ajudar os revoltosos em Canudos a restaurar a monarquia. Também, atingir seu rival, o barão de Canabrava, acusando de ajudar os revoltosos, o plano foi colocado em prática, porém muitas

coisas aconteceram fazendo com que seu percurso mudasse de rumo, pois os homens encomendados para matar Gall não obtém sucesso, mudando o rumo dessa história de conspiração fazendo com que os rivais buscassem um acordo no final da história.

Voltando a falar do Conselheiro, ele sabia o que estava por vir. Segundo Vargas Llosa (2008), em seus sermões sempre prevenia o povo do conflito e com a chegada dos soldados em Uauá na primeira expedição, anuncia o começo do fim dos tempos. Nesse primeiro confronto a organização com que os sertanejos se dirigiam até Uauá, todos aqueles que já haviam matado ocupava posição de vanguarda e os demais aprenderiam na prática como se tirar uma vida. Enquanto isso, para o Conselheiro, esses jagunços estavam lutando o bom combate, a favor do Bom Jesus, no qual eram chamados de escolhidos. Os irmãos Vilanova, Antônio e Honório, que saem de sua terra natal uma vila cearense chamada de Assaré por conta da varíola para tentar a sorte em Juazeiro da Bahia, traziam junto a eles suas primas Antônia e Assunção que, futuramente, se tornaram suas esposas e tornaram grandes comerciantes graças ao talento de Antônio com a compra e venda de produtos.

Outra observação sobre os Vilanova é que Antônio era o mais focado nos negócios e não tinha vida social, enquanto Honório era desleixado gostava de jogar conversa fora e de beber. Interessante na relação entre esses dois irmãos era o respeito que um tinha pelo outro, desde a infância já se tratavam com respeito chamando-se de compadre. Segundo Vargas Llosa (2008), Antônio Vilanova sempre estava disposto a recomeçar mesmo em meio as adversidades, pois desde de quando saiu de sua terra natal por conta da varíola passou por diversas situações difíceis, mas sempre soube virar o jogo e dar a volta por cima até que, encontrou-se com o Conselheiro e resolveu segui-lo. O Conselheiro e seus seguidores, segundo Vargas Llosa (2008, p. 98), achavam que “A República quer oprimir a Igreja e os fiéis, acabar com todas as ordens religiosas como já fez com a Companhia de Jesus, e a prova mais flagrante desse projeto é o fato de ter instituído o casamento civil, coisa escandalosa e ímpia quando já existe o sacramento do matrimônio criado por Deus”.

Em Canudos, grande parte dos recém-chegados mudava de nome e isso tinha a simbologia da aceitação da nova vida que começava naquele lugar. Porém, como não parava de chegar gente nova, vinda de diversas regiões com as mais variáveis crenças e, principalmente, com a chegada de um grupo vindos do Juazeiro, o Conselheiro se torna um seletivo e deixa nas mãos do Beatinho a missão de que “que filtrasse os romeiros para evitar que com eles entrassem a superstição, o fetichismo ou qualquer sacrilégio disfarçado de devoção” (LLOSA, 2008, p. 104). Segundo o autor, com relação as profecias do Conselheiro, ele dizia que o mar ia virar sertão e que o sertão ia virar mar, assim como as águas do rio

Vaza-Barris iam se transformar em leite e as barrancas em cuscuz de milho para saciar a fome daquele povo. A fé do Conselheiro no Bom Jesus vai além dos paradigmas religiosos, forçando o governo republicano a vê-lo como um louco ou fanático.

Sobre a ferocidade do combate por parte dos sertanejos e o quanto eles faziam uso de tudo que estivesse ao seu alcance e que fosse capaz de causar algum dano ao inimigo, desde o primeiro conflito em Uauá, os sertanejos já se mostrarão superiores em tática de combate mesmo sem o devido treinamento para isso. No segundo conflito comandado pelo major Febrônio de Brito fica mais evidente essa força do sertanejo em combate como veremos:

Vinham armados com todas as imagens do Bom Jesus, da Virgem, do Divino que havia na cidade, empunhavam todos os porretes, paus, foices, forquilhas, facas e facões de Canudos, além dos trabucos, escopetas, carabinas, espingardas e Mannlichers conquistados em Uauá, e, enquanto disparavam balas, pedaços de metal, pregos, dardos, pedras, davam urros, possuídos pela coragem temerária que era o ar que os sertanejos respiravam desde que nasciam, agora multiplicada pelo amor a Deus e o ódio ao Príncipe das Trevas que o santo soube lhes infundir (LLOSA, 2008, p. 127).

Com a derrota da expedição do major Febrônio de Brito, segundo Vargas Llosa (2008), o Partido Republicano Progressista do qual o deputado Epaminondas Gonçalves era presidente, coloca seu plano de derrubar os inimigos políticos em ação fazendo uso da situação em Canudos e da situação por ele mesmo criada quando resolveu conspirar com o escocês Galileo Gall, fazendo uma afronta ao governador da Bahia, Luis Viana e a todos ligados politicamente ao barão de Canabrava, acusando-lhes de ter armado e incitado a rebelião em Canudos, além de alegar que o governo baiano ajudava os revoltosos e recebia ajuda da Inglaterra para restaurar a monarquia no Brasil. Enquanto a República recém instaurada brigava por poder através de seus representantes em Canudos, a situação era inversa, pois o Conselheiro lutava pelo bem coletivo da sobrevivência da carne e da purificação da alma dos indivíduos. Ou seja, Canudos nada mais é do que resultado de uma mistura de fé, esperança, solidariedade diante da necessidade e do descaso do governo que nem sabia que Canudos existia até que o povo junto ao Conselheiro o fez ser notado.

Com esse abalo político e social, o medo, a insegurança e o caos tomavam conta do país. É escolhido um herói e salvador da pátria, o coronel Moreira César, um símbolo de vitória do exército brasileiro. Aparentemente ninguém teria mais capacitação para dar um ponto final nas ideias do Conselheiro e acabar com o cenário de instabilidade política do país. A convocação de Moreira César para aniquilar Canudos através de uma Intervenção Federal foi discutida na câmara dos deputados, porém essa assembleia causou muitas discussões entre os partidos e houve troca de acusações. Como sempre o deputado Epaminondas Gonçalves

era um homem cuja fome de poder era muito grande e via Canudos como sendo apenas um meio de levar vantagem politicamente. Como se deu a recepção ao coronel Moreira César. Segundo Vargas Llosa (2008, p. 162), “Bandeirolas e grinaldas caem do teto, entre cartazes do Partido Republicano Progressista e do Partido Autonomista Baiano com vivas ao coronel Moreira César, à República e ao Sétimo Regimento de Infantaria do Brasil”.

A terceira expedição foi a mais badalada e, para além dessa euforia com a chegada do coronel Moreira César, segundo Vargas Llosa (2008), junto ao Sétimo Regimento veio um grupo de jornalistas num total de cinco homens de idades variadas, porém, um desses ao qual o autor chama de míope, é mais conhecido do que os demais e trabalha no Jornal de Notícias do deputado Epaminondas Gonçalves. Esse jornalista se torna uma peça fundamental para a compreensão desse contexto histórico do país. Outro ponto importante é o quanto o coronel Moreira César estava confiante na vitória.

O excesso de confiança na vitória por parte do coronel Moreira César, menosprezando a capacidade do povo sertanejo foi sua sentença de morte, pois o coronel por ser um homem de grandes feitos, segundo Vargas Llosa (2008, p. 165), “Lembram dele como braço direito do presidente Floriano Peixoto, esmagando com mão de ferro todas as sublevações dos primeiros anos da República e defendendo, nesse jornal incendiário, O Jacobino, suas teses a favor da República ditatorial”, acreditava que dessa vez seria como todas as outras, porém o coronel foi com muita sede ao pote não analisando os riscos de entrar num conflito de guerra sem conhecer bem a região e seu inimigo. Segundo Vargas Llosa (2008), o coronel só tinha uma preocupação que era chegar a Canudos e encontrar apenas os abutres sobrevoando o local, pois sua população haveria de ter fugido, por conta desse medo, toma a decisão de deixar uma grande parcela do equipamento pesado em Monte Santo para que a tropa pudesse ir mais rápido.

O Conselheiro, em suas visões, já previa os quatro conflitos que ele chama de quatro fogos e diz que os três primeiros ele apagaria, porém o quarto entregaria nas mãos do Bom Jesus. Segundo Vargas Llosa (2008), João Abade se perguntava porque estava envolvido numa guerra tão feroz quanto aquela que achava. Acha a resposta em seu interior, pois agora estava a serviço do Bom Jesus. Com a evolução dos conflitos, é criada uma guarda denominada de guarda católica para ficar responsável em fazer a segurança pessoal do Conselheiro e o comando dessa guarda era de responsabilidade de João Grande. De acordo com Vargas Llosa (2008, p. 250), a diferença entre os soldados do Cão para os do Bom Jesus era que “Eles iam ressuscitar, exatamente três meses e um dia depois da morte. Os do Cão, em

contrapartida, morreriam para sempre. Esta era a diferença: entre a vida e a morte, o céu e o inferno, a condenação e a salvação”.

A expedição Moreira César foi muito idealizada em todo país, por esse motivo o choque foi grande com a derrota do Sétimo Regimento, ninguém acreditava que essa derrota fosse acontecer ainda mais com a morte do coronel Moreira César isso se transformou em comoção nacional. Segundo Vargas Llosa (2008, p. 377), “o melhor regimento do Brasil derrotado por um bando de mendigos fanáticos. Quem pode entender? Um grande estrategista militar estraçalhado no primeiro encontro”. A pergunta é quem venceu? O orgulho e autoconfiança do coronel Moreira César ou a fé desmedida de um bando de pobres? A resposta é clara, o coronel Moreira César acreditava vencer esse conflito apenas com o seu renome e achava que não encontraria resistência por parte dos sertanejos.

O governo queria apagar essa memória trágica que foi a guerra de Canudos. Vargas Llosa (2008, p. 387), diz que “esqueçamos, é melhor. Foi um episódio infeliz, obscuro, confuso. Não serve. A história deve ser instrutiva, exemplar. Dessa guerra ninguém saiu com glória. E ninguém entende o que aconteceu. As pessoas decidiram baixar uma cortina. É sábio, é saudável”. Mas, o jornalista míope que foi como correspondente do Jornal de Notícias, junto a expedição Moreira César, fez questão de não deixar essa memória morrer escrevendo a obra **Os Sertões**. Sobre a conspiração Vargas Llosa (2008, p. 449) aponta que, “Tinham que explicar de algum modo essa coisa inconcebível: bandos de lavradores e de vagabundos derrotando três expedições do Exército, resistindo meses a fio às Forças Armadas do país. A conspiração era uma necessidade: por isso a inventaram e acreditaram nela”.

Segundo Vargas Llosa (2008), um fato curioso dessa guerra é que o Exército, além de abastecer suas próprias tropas, também abastecia o inimigo. Dado início ao confronto da quarta expedição sobre o comando do general Artur Oscar, o mesmo após terminar de fazer um cálculo para saber o número de baixas, o general Oscar percebe que mesmo com um quinto de Canudos tomado era necessário manter cautela e não prosseguir o ataque de imediato, pois as baixas de mil e vinte e sete os deixará perplexo ainda mais quando vinte e três mortos eram oficiais, entre eles, dois de grandes patentes. Para o general Oscar, era necessário se fazer um estudo da situação para poder dar continuidade ao ataque. Vargas Llosa (2008, p. 525), afirma que “Ninguém responde, mas o general sabe que todos entendem perfeitamente que um número assim de baixas equivale a uma derrota. Vê a frustração, a cólera, o assombro dos seus subordinados; os olhos de alguns brilham”.

Por mais que o número de combatentes da quarta expedição fosse superior ao dos jagunços, uma coisa era certa, não seria uma vitória fácil, pois havia algo diferente naquelas

peessoas além da sua fé vista de forma fanática, havia determinação e isso fazia com que eles causassem tantas baixas para o exército brasileiro. Segundo Vargas Llosa (2008), antes do comando da quarta expedição ser designado ao general Artur Oscar outros três generais já havia recusado, pois os três declaravam que não queriam se enlamear, ou seja, para eles era uma guerra sem sentido, além de estar combatendo compatriotas, era necessário ter um preparo físico e mental para lidar com a realidade que fugia dos padrões da verdadeira guerra. O general Artur Oscar, a princípio, achava que estava sendo honrado em assumir o comando e que encerraria sua carreira com chave de ouro.

Nessa análise da obra **A guerra do fim do mundo**, sobre a resistência dos sertanejos, ressaltamos que, era um povo acostumado a passar por dificuldades, por isso, era mais resistente que o exército ao clima da região, a fome, a sede. O povo sertanejo tinha uma determinação e a ideia de resistência era compactuada, ou seja, não apenas os líderes como: João Abade, Pajeú, Pedrão e João Grande estavam dispostos a resistir até o fim e morrer pela causa em que acreditavam, como também as mulheres que se tornaram fundamentais ao se exporem ao risco, não só pelo fato de ir roubar água junto dos párvulos, como cozinhar para manter os jagunços sempre fortes para o combate. Vargas Llosa (2008, p. 541), relata que “Párvulos. Quando os soldados tomaram as aguadas, eles iam com as mulheres, à noite, roubar umas latas de água, para que os jagunços pudessem continuar lutando”. Os párvulos eram crianças e adolescentes que foram peças fundamentais nessa guerra e serviam de guias, mensageiros, espiões, até de guerreiros quando implantavam formigas no meio da tropa.

2.1 Compreendendo o sertão literário dividido em três visões diferentes

Para se analisar o que houve em Canudos, se faz necessário compreender o sertão como um todo. Cristóvão mostra a realidade sertaneja sendo fundamentado dentre os mais diversos confrontos como, por exemplo, a zona urbana se sobrepondo a zona rural, assim como o tempo presente se sobrepondo ao passado. Cristóvão (1994, p. 44), aponta que “Há, pois, múltiplas e complementares leituras do sertão iniciadas praticamente no Romantismo, e que não mais cessaram até os dias de hoje”. Nesse divisor de águas, no que diz respeito ao sertão, o autor expõe que as obras literárias que discutiram o sertão, as impressões se dividem. No princípio, se tem um sertão romantizado, focado em descrever suas características geográficas, assim como, sua beleza natural, porém com o passar do tempo começou a se

atentar a um sertão mais realista. Se introduz o homem sertanejo nesse contexto e as problemáticas sertanejas.

Para Cristóvão (1994), por mais que fosse vista de maneira diversificadas a realidade sertaneja pela literatura, havia apenas um sertão, sertão esse que ganha mais destaque pela estética do homem sertanejo ajudando à abrihantar esse cenário, porém essa discussão sobre o sertão tende a ir muito além. Ou seja, para a literatura o sertão se subdivide em três sertões, em três visões diferentes sobre o sertão, ora é paraíso, ora é o inferno, ora é o purgatório. A partir dessas três visões do sertão se dará continuidade a este trabalho.

Como paraíso sertanejo, o que realmente é levado em consideração é a beleza que compõe as terras sertanejas, seja pela beleza dos seus relevos montanhosos que chamam muito à atenção, seja pela riqueza de sua fauna, onde se encontra uma grande variedade de espécies típicas da região, seja por sua flora diversificada e por ser alguns espécimes na sua maioria típicas da região, no mais o simples fato da composição geográfica do solo também chamar à atenção. Nessa visão de paraíso, o vaqueiro personagem típico da região, se destaca pela sua bravura e força, a cordialidade do povo sertanejo. Com essas colocações positivas, não seria possível julgar o sertão senão como um paraíso na terra.

Inferno sertanejo se contrapôs a primeira visão romantizada do sertão como paraíso. Partiu de uma visão mais realista, compreender a realidade sertaneja e deixou um pouco de lado a questão que envolve as características geográficas da região para compreender a realidade ali vivida de fato. Para Cristóvão (1994), o sertão retrata um inferno na terra por diversos fatores como: sua má formação social, onde os pobres vivem a mercê dos poucos poderosos que habita a região, no qual o foco é saciar sua fome de poder e riqueza, assim como a violência que ali impera por conta dos conflitos entre os cangaceiros e as volantes, pois para o povo sertanejo aquilo por mais difícil que fosse já fazia parte de uma rotina de vida se tinha a violência causada pelos cangaceiros sertão a dentro, assim como a violência causada pelas volantes que usavam do poder a eles instituídos na desculpa de reestabelecer a ordem e acabavam se excedendo e gerando mais violência.

Era um caos total. Os próprios beatos também semeavam a discórdia. Também havia um outro fator que era a seca. Para Cristóvão (1994), por se tratar de ser um fator natural, se esperava no mínimo uma intervenção por parte da sociedade sertaneja em busca de amenizar aquela situação, porém não era isso que ocorria, pelo contrário, por se tratar de uma sociedade atrasada, parada no tempo, o progresso e a evolução eram coisas despercebidas. Nada era feito para aplacar a situação climática que causava várias peregrinações em busca de sobreviver as secas mais do que a toda violência ali presente.

Sobre as secas, Cristóvão (1994, p. 49), mostra que “O sertão é inferno, antes de mais nada, pelo destempero da natureza abrasada por um sol de fogo e pelas chamas dos incêndios, pelo castigo das secas expulsando os retirantes e seus animais morrendo na fuga e degradando-se em atos de antropofagia, para sobreviver ou adiar a morte”. Fica evidente perceber que toda ideia de sertão enquanto paraíso some diante da realidade da vida sertaneja que quando foge das secas, dá de cara com a violência. Segundo Cristóvão (1994, p. 50), “Excluídos pela justiça, lançados para margem do convívio social, perseguidos pelas volantes, sem esperança de perdão ou salvação, sabem que não têm futuro e erram pelo sertão como em círculos fechados destruindo até serem destruídos”.

O purgatório sertanejo surge como uma porta de transição do sertão inferno para o sertão paraíso, ou seja, o sertão de certa forma passa a ser um lugar de penitência, onde prevalece o imaginário, um espaço para certas crenças míticas, o sertão se torna um reino a ser decifrado. A visão de sertão enquanto purgatório também abre espaço para ir além do mítico, do imaginário e se compreender o sobrenatural. Segundo Cristóvão (1994), o purgatório sertanejo é a oportunidade de fazer-se acreditar na luta constante entre o bem e o mal em busca da salvação ou condenação da alma, é passar a crer que tanto Deus quanto o Diabo se fazem presentes no sertão testando o povo a escolher entre qual caminho seguir, o do bem ou do mal. O purgatório abre um espaço para coisas do sagrado.

Para Cristóvão chegar a essas impressões e levantar os três pontos em questão que corresponde a visão tripla do sertão, ele faz uso de diversas obras para validar sua análise e compreender o sertão. Porém, é a obra **A divina comedia** de Dante Alighieri que dá força para seus questionamentos e discussões sobre a visão tripla do sertão. Um dos fatos mais importantes nessa análise e compreensão é perceber que Cristóvão, na validação do sertão como purgatório, no sentido de ser a porta de transição do sertão inferno para o sertão paraíso, faz uso da obra **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa. Cristóvão também aponta outros grandes autores e suas obras como, por exemplo: Ariano Suassuna, **A Pedra do Reino**, Euclides da Cunha, **Os Sertões**.

Para Cristóvão (1994), a compreensão do sertão dividido em três visões - paraíso, inferno, purgatório - só é possível fazendo-se uma análise com o apoio da literatura brasileira que retrata o sertão. Parte-se do início com o romantismo, passando pelo modernismo. Percebe-se que o sertão é um amplo campo de discussões, sempre há espaço para mais um complemento, se tornando um manancial para a literatura e historiografia brasileira.

3 A ótica de Aristides A. Milton sobre a Guerra de Canudos

Como ponto de partida para compreender Canudos, segundo Milton (2003), é necessário discutir sobre a ideia de que Canudos surge mediante o desejo de se restaurar a monarquia, porém há controvérsia dessa proposta, na verdade o que ocorria em Canudos estava bem longe de ser um evento revolucionário monárquico e isso fica mais evidente quando Milton (2003, p. 13) afirma: “É certo, porém, não se ter nunca prova do que os monarquistas estivessem de inteligência com os habitantes de Canudos; pelo contrário, se liquidou que não passava de balela o boato, que circulara, de haverem muitos dentre eles enviado somas avultadas ao Conselheiro”, sendo assim, que o que levou o Conselheiro ir tão longe e bater de frente com a nova forma de governo foi sua religiosidade alucinante, junto aos efeitos causados pelas leis republicanas, como: a separação da Igreja do Estado, a implantação do casamento civil.

As colocações de Milton a respeito do Conselheiro são meio agressivas. Ele o vê como um “louco”, “sonhador”, e seus adeptos como integrantes de uma seita. Mesmo com essas colocações, o autor faz um breve comentário referente ao povo sertanejo no qual valoriza a força daquele povo. Milton (2003, p. 14, 15), diz que “Como é corrente, o sertanejo possui uma organização robusta, e uma capacidade de resistência, que pasmam; distingue-se por uma energia francamente indômita. Verdadeira raça de heróis, dignos de outros ideais, merece dores de mais nobre e alevantado destino”. Esse elogio feito ao povo sertanejo se equipara ao feito por (CUNHA, 2016, p. 133), de que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

O Conselheiro e o povo em Canudos sabiam que a afronta ao governo republicano renderia alguma consequência, por isso, houve preocupação nas construções das casas em Canudos. Segundo Milton (2003), Canudos crescia muito rápido porque os adeptos do Conselheiro chegavam até Canudos em busca da salvação eterna da alma, algo considerado fundamental para aquelas pessoas que tinham uma vida tão difícil pelas questões climáticas, pelo crime e violência, ou até mesmo pelo descaso do governo para com o povo, assim, o Conselheiro se tornou uma saída de todas as privações:

Previendo eventualidades, que a rebeldia de sua atitude positivamente provocava, os habitantes de Canudos trataram de se garantir contra qualquer movimento, que visasse persegui-los ou desalojá-los. E daí procedeu que eles edificaram suas casas, atendendo a um plano de defesa, mais ou menos estratégico; e se premuniram de munições e armas, que nos momentos oportunos tornariam mais eficazes a sua abnegação e valentia (MILTON, 2003, p. 15).

Milton vai além no que diz respeito ao perfil do Conselheiro, traz uma pequena biografia da vida de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro. Milton (2003), relata os nomes de seus pais, Vicente Mendes Maciel e Maria Maciel; seu local de naturalidade, em Quixeramobim no Ceará; relata sobre seu casamento fracassado e sobre o incidente com seu cunhado.

Para o autor, Canudos não só afrontava o governo republicano como incomodava a Igreja que não tolerava a atitude de alguns padres da região que abriam espaço para o Conselheiro se pronunciar durante os sermões. Mesmo a Igreja se colocando contrária ao Conselheiro, ela busca evitar o conflito com o envio de um missionário até Canudos, incumbido de convencer o Conselheiro a se render às leis republicanas e as leis ortodoxas. O nome do missionário era fr. João Evangelista de Monte Marciano. O frei João Evangelista permaneceu em Canudos de 13 até 21 de maio de 1895. Porém, segundo Milton (2003, p. 24), “infelizmente, não logrou ele realizar seus intuitos, e todo o trabalho, que então despendera, se esterilizou diante da teimosia e da ignorância que os fanáticos ostentavam”. Ficou evidente que Canudos não ia voltar atrás em sua decisão e que tampouco iam desistir daquilo em que acreditavam, pois, o Conselheiro e seus seguidores estavam dispostos ir até ao fim.

O autor transcreve trecho do relatório do fr. João Evangelista que fala sobre o quantitativo de homens em Canudos:

Abri a missão em 14 de maio, e já nesse dia concorreram não menos de 4.000 pessoas; dos homens, todos os que podiam manejar uma arma lá estavam, carregando bacamartes, garruchas, espingardas, pistolas e facões: de cartucheira à cinta e gorro à cabeça, na atitude de quem vai à guerra. (MILTON, 2003, p. 30)

Este trecho foi um aviso do que estaria pra acontecer. Segundo Milton (2003), a experiência relatada pelo fr. João Evangelista mostra o quanto o povo em Canudos se acreditava nas palavras do Conselheiro, o viam como a única esperança para seus anseios. Esse relatório traz questões quanto as casas, número estimado de pessoas, número de mortos por dia, sobre as condições de vida no lugar, armamento, as construções em andamento, as hostilidades que o fr. João Evangelista sofreu por parte do povo em Canudos. Segundo o fr. João Evangelista, a missão só não foi totalmente perdida porque conseguiu casar um certo número de pessoas, assim como alguns batizados e confissões.

Nos apontamentos do autor, um simples boato de uma possível invasão do Conselheiro e seus seguidores a cidade de Juazeiro, associada à compra da madeira necessária para a construção do templo em Canudos, se torna um estopim de um caos que marcaria a história do país. Segundo Milton (2003, p. 36), “como sucede com quase todos os boatos, esse

foi se avolumando de momento a momento, de modo que – dentro em pouco – a notícia se tinha transformado numa ameaça tremenda”. Fica evidente que nessa guerra ninguém saiu vitorioso, ou seja, Canudos surge por conta do descaso político para com o povo sertanejo que com base em uma fé desmedida vai aos poucos se elevando o grau de fanatismo. Por parte do governo, o equívoco de um boato sem fundamento associado a intolerância, se transforma na necessidade de combater uma ameaça ao poder público.

Esse boato sem fundamento de uma possível invasão do Conselheiro a cidade do Juazeiro, junto a uma rixa antiga do Conselheiro com um magistrado que ali habitava causou pânico nas pessoas ao ponto de o juiz de direito, Arlindo Leone, solicitar ao governador forças militares para proteger a cidade, mas o governador afirmou não poder mandar uma força militar por mero boato. O coronel João Evangelista, segundo Milton (2003, p. 37), “o referido coronel assegurava – que o asceta de Canudos não penetraria na cidade; pois ainda quando acompanhasse a sua gente, seria com certeza para guardar a remessa de tabuado em Jacaré, como já de outra feita havia praticado”. Mas, os telegramas ao governador Luís Viana não cessaram até que ele resolve mandar a primeira expedição sobre o comando do tenente Pires Ferreira, o qual estava a frente de 100 praças de linha.

O tenente Pires, desconsidera o aviso do coronel João Evangelista, de que “era verdadeira aventura arriscá-la numa luta inquestionavelmente temerária, à vista da desigualdade de condições em que as duas partes contendoras se encontrariam” (MILTON, 2003, p. 39). O tenente não dando ouvidos, segue de encontro aos Conselheiristas e o confronto se deu no arraial de Uauá, durante o percurso a tropa não se deparou com nenhum obstáculo. Quem deu início ao confronto foi os homens do Conselheiro, os quais surpreendem a tropa. Com a morte de um oficial e dez praças, fora os vinte feridos é que o tenente resolve bater em retirada, porém, antes de se retirarem de Uauá, ateam fogo no arraial:

Antes de se retirar, contudo, a força pusera fogo ao arraial, o que não se compadece aliás com a razão e a justiça. Porquanto, nem Uauá era habitado pela gente do Conselheiro, que ali estava apenas de pousada, nem que o fosse – nada acrescentava ao brilho da diligência tamanho descomedimento, que até poderia prejudicar interesses de outros brasileiros, alheios inteiramente ao conflito. (MILTON, 2003, p. 39, 40)

Para Milton (2003, p. 40), “Nos tempos que correm, no estado atual da civilização, e perante os princípios do direito das gentes moderno, tais excessos não podem ser justificados, sobre tudo tratando-se de uma guerra civil”. Sobre o relato do tenente Pires, ele aponta que os moradores de Uauá se evadiram do lugar durante a noite, assim justifica ter ateadado fogo nas casas, pois alguns dos homens do Conselheiro haviam adentrado nas residências para atacar a

tropa. O tenente faz uma reclamação com relação a funcionalidade dos fuzis Mannlicher, os quais eram armamentos de repetição, de grande alcance, ter um projétil de grande força de penetração, mas deixava a desejar na fragilidade do seu mecanismo que se estragava rápido. O tenente fecha o relato falando sobre as condições em que ficou o fardamento da tropa, sobre a disciplina mantida pela mesma, para o tenente foi plena, mesmo com um número de mortos.

O tenente Pires se preocupou em relatar como decorreram os fatos, querendo enfatizar uma possível vitória da sua parte, mas foi ele quem deu a ordem de bater em retirada. A opinião pública não engoliu muito bem essa vitória idealizada pelo tenente. Esse primeiro conflito potencializou a força de Antônio Conselheiro e seus seguidores, e, com o resultado dessa primeira expedição não parava de chegar cada vez mais gente a Canudos. Para Milton (2003, p. 47), “Como quer que fosse, o governo carecia restabelecer a sua força moral, incontestavelmente abalada”. Prontamente o governo se mobiliza para buscar uma forma de limpar sua honra, não demorou muito para que fosse nomeado um novo comando para uma segunda expedição com mais aparato militar e uma boa quantidade de praças. Milton aponta que o escolhido para a missão foi “O major Febrônio de Brito, do 9º de Infantaria do Exército, foi nomeado então para comandar essa força, que seria formada por 300 praças de linha e 100 da polícia baiana. Mas, daquelas apenas 100 puderam partir”.

A segunda expedição não foi bem projetada. Segundo Milton (2003), houve muitas discussões entre a vontade do major Febrônio de atacar logo Canudos com a ordem de retornar a Queimadas. A autoconfiança do major era admirável ao ponto de ele mesmo acreditar na vitória certa sobre Canudos, por dispor de um quantitativo de praças equivalentes a 500 ou 400 homens. Enquanto esperava por ordens superiores, o chefe expedicionário teve uma notícia ainda melhor para com o quantitativo de praças que ele desejava para sair vitorioso de Canudos e restaurar a ordem pública e devolver a força moral do governo:

Não se fez demorar o governador em satisfazer a solicitação do major Febrônio, quanto à remonta por este aventada. De sorte que, dentro de alguns dias, o efetivo das forças expedicionárias atingia ao número de 600 homens, pois que tinha sido reforçado, não só com as 100 praças do exército pedidas, mas também com outras tantas da polícia baiana. (MILTON, 2003, p.52)

Milton aponta que havia vários questionamentos com relação a demora para que a segunda expedição atacasse Canudos, isso causava rumores que reforçava a ideia do chefe expedicionário de atacar Canudos de imediato para que não houvesse chance alguma para que o povo em Canudos se organizasse para combate. Segundo Milton (2003, p. 54), “o comandante desta justificava a sua demora com a falta de soldo para a força federal, o que fez o governador da Bahia adiantar 20:000\$000 pelos cofres estaduais, a fim de atender àquele

pagamento, removendo conseguintemente o obstáculo alegado”. Outro ponto muito importante está relacionado ao período em que a tropa esteve em Monte Santo não ter tido em nenhum momento a preocupação de conhecer o terreno, analisar as provisões para evitar futuros acidentes causados pelo conflito.

O major apenas se preocupou em fazer um balanço das munições ao seu dispor, como sobre às notícias que chegavam sobre prováveis posicionamento dos homens do Conselheiro. Além do mais, autoconfiança tomava conta dos pensamentos do major Febrônio, segundo Milton (2003, p. 55), “afigurava-se-lhe mesmo que, logo aos primeiros disparos, os sertanejos baianos, carentes de instrução militar, desconhecedores das escolas de tiro, sem canhão que pudessem opor ao canhão que os ameaçava, teriam que se render ou fugir”. Foi um pensamento errado. Por mais que os homens do Conselheiro não tivessem participado de treinamentos em uma escola de tiros, grande parte aprendeu a atirar a partir da violência que dominava aquela região, além do mais, conheciam bem a região.

Para Milton (2003, p. 56), “a ação ia em meio, ainda, quando o major Febrônio previu que não poderia sustentá-la; e, consultando a opinião dos oficiais, que serviam sob seu comando, resolveu a retirada para Monte Santo, onde iria aguardar ordens, requerer conselho de guerra, e pedir quem o substituísse na malograda expedição”. Enquanto os dois primeiros chefes expedicionários tinham apenas autoconfiança na vitória, os conselheiristas tinham determinação. Para MILTON (2003, p. 57), “A circunstância de não ter o major Febrônio penetrado em Canudos, de que aliás tão perto se achara, vinha se reunir ao insucesso de Uauá para agravar mais ainda a situação, já de si mesma singular e delicada”. Foi terrível para o governo receber a notícia do fracasso da segunda expedição, enquanto isso, só aumentava a popularidade do Conselheiro e aumentava a chegada de mais gente a Canudos.

Assim como fez o tenente Pires que bateu em retirada e tentou se justificar, o major Febrônio também bateu em retirada, mas este disse que só não foi possível dar continuidade ao combate, pois os homens do Conselheiro estimava ser um número superior a 5.000, outro fator alegado pelo major Febrônio foi a falta de munição. Para Milton (2003), a justificativa do major frente ao quantitativo de homens do Conselheiro foi um tanto exagerada. Sobre a justificativa da pouca munição para a retirada, é questionável, segundo Milton (2003, p. 57), “Sabe-se, porém, que só pelo arsenal de guerra da Bahia foram fornecidos à expedição 49.500 cartuchos embalados para carabinas Mannlicher e 50 carabinas deste sistema”. Sem levar em consideração aos canhões Krupp e suas respectivas munições. A verdade é que o major não esperava de fato uma resistência tão ofensiva por parte dos jagunços.

O major Febrônio aponta outro inimigo que tiveram que enfrentar, diz respeito a fome. A derrota da segunda expedição só fez aumentar o pesadelo da afronta ao poder público causada por um bando de sertanejos vistos como ignorantes e atrasados. Milton (2003, p. 63), aponta que “o Brasil, que desde muito estava habituado a ver o seu exército sair vitorioso e glorificado de todas as refregas e situações, estremecia de susto diante daquela ocorrência, que lhe parecia prejudicar –de leve embora – o prestígio das armas republicanas”. O governo optou por dar continuidade ao conflito para sair vitorioso e acabar com Canudos, um risco constante para o governo republicano recém instaurado:

Por isto, a opinião pública se levantou como um só homem para exigir – que se continuasse a luta, até que esta produzisse um resultado satisfatório e digno para a legalidade. Do norte ao sul do país correu – desde logo – um frêmito de profunda indignação. Canudos começou a ser apontado como o valhacouto de rebeldes, cujo timbre consistia em ludibriar a república, formando um governo à parte, e pretendendo uma independência que, por ser absurda, os colocava mais ainda fora da lei. (MILTON, 2003, p. 63)

A segunda derrota do governo para os conselheiristas fez os rumores sobre o Conselheiro ter uma ligação com o divino, pois ele conseguiu fazer algo que para muitos seria um milagre. Essas duas vitórias aumentou o seu renome, porém se por um lado os sertanejos festejavam suas vitórias, o governo se sentia cada vez mais ameaçado e fragilizado, e por esse motivo, não sossegaria até dar um basta para a situação de Canudos. Segundo Milton (2003, p. 64), o governo “Não havia, pois, que vacilar. Era indispensável agir sem detença, a fim de restabelecer a paz e a ordem, condição necessária para difundir o progresso e firmar a liberdade”. O governo busca a manutenção da ordem pública que deve ser reestabelecida de qualquer maneira, caso contrário, levaria a ruína do governo e da nação como um todo.

Na busca para reestabelecer a ordem, segundo Milton (2003, p. 67), “o Governo Federal desenvolveu grande atividade, com o digno propósito de salvar a sua força moral abalada, e castigar os sediciosos impenitentes”. São dados os primeiros passos para se montar a terceira expedição tendo à frente o coronel Antônio Moreira César que lideraria uma bateria inteira com 1.200 praças, dos quais 700 de infantaria.

A chegada do coronel Moreira César a Bahia se deu com celebração e uma recepção calorosa, por parte dos representantes do governo baiano interessado que essa terceira expedição colocasse um ponto final no conflito. A população acreditava no renome que o coronel tinha criado ao longo de sua carreira militar e por suas vitórias em outros conflitos. Além do mais, a base de operações se fez em Queimadas e o único receio do coronel Moreira César seria que os jagunços fugissem com o aproximar da bateria a Canudos, ou que o

Conselheiro não se encontrasse por lá. O coronel demonstrava uma confiança inabalável em sua vitória, como afirma Milton (2003, p. 71), “Havia, por consequência, da parte do coronel Moreira César a convicção de que se achava aparelhado convenientemente para atacar o inimigo, e a máxima confiança nos meios com que ia disputar-lhe a vitória”.

Em um telegrama, o coronel Moreira César deixa claro que sua intenção é de apenas prender os fanáticos, talvez isso tivesse sido possível de acontecer, caso as coisas tivessem acontecido como o coronel idealizava. Milton afirma (2003, p. 72), “No dia 11, o coronel Moreira César se dirigiu novamente ao governador, e o seu despacho telegráfico demonstra a convicção, que o dominava, de terem seu nome e sua fama o prestígio capaz de fazer debandar os jagunços, antes mesmo dele enfrentá-los”. Por isso, as vitórias do Conselheiro.

O coronel Moreira César, antes de enfrentar os conselheiristas, durante a expedição foi acometido de um mal de saúde, apontado como sendo uma síncope ou “perda dos sentidos devido à deficiência de irrigação sanguínea no encéfalo”, deixando nesse pouco espaço de tempo, a expedição comprometida. Esse mal só o afetou por duas vezes já que o seu terceiro mal foi o encontro com a morte antes de tomar Canudos. Com a sua morte, o novo chefe passou a ser o coronel Tamarindo, porém sem êxito.

Sob o comando do coronel Tamarindo, a primeira atitude a ser tomada seria bater em retirada para se reagrupar e poder fazer um novo assalto a Canudos afim de concretizar a vitória. Porém, esse plano não foi possível de realizar, pois enquanto batiam em retirada os jagunços prontamente os seguiram dando continuidade aquele cenário de guerra, pouco a pouco a terceira expedição se resumiu a um bando de soldados lutando pela própria vida. Houve muitas baixas de oficiais, assim como a morte do novo chefe, o coronel Tamarindo. A terceira expedição foi um fracasso em grande proporção e com perdas significativas para o governo, para o exército, o país, gerando uma comoção nacional.

Um jornal do Estado do Rio de Janeiro, em uma nota de imprensa, acusava a Bahia de ser um reduto de monarquista, porém esse jornal estava equivocado, pois, segundo Milton (2003, p. 87), “Depois, quando foi preciso consolidar a república, a quase totalidade dos representantes do grande e opulento estado prestara decidido apoio aos que se batiam pela vitória das novas instituições”. Essas acusações feitas pelo jornal não tinham fundamentos.

Com o resultado da terceira expedição as pessoas solicitavam do governo Federal que decretasse o estado de sítio, porém, de acordo com Milton (2003, p. 91), o “Prudente de Moraes respondeu-lhes – que esta medida não era ainda necessária, pois ele sentia-se forte e prestigiado pela opinião do país, o que bastava para defesa da república”. Mesmo sofrendo três derrotas para os conselheiristas, o governo federal não se deu por vencido buscando se

reorganizar para tomar novas medidas mais drásticas afim de colocar um ponto final nesse cenário. É pensada a quarta expedição, pautada no ódio por parte do exército que desejava vingança e lavar sua honra das derrotas anteriores.

Para Milton (2003, p. 97), “As praças, que passavam pela cidade de Salvador, de viagem para o sertão, cometiam verdadeiros desmandos, perturbando a ordem pública, levando o susto e o terror à população inteira, que aliás devia se reputar garantida com a disciplina e patriotismo do exército brasileiro”. A quarta expedição tinha como base o ódio, assim como informações baseadas em boatos que a fez perder a compostura militar. Esse ódio que tomava conta dos praças rumo a Canudos se potencializou, para eles, todo o Estado da Bahia representava uma ameaça, se sentiram motivados a causar o terror no Estado:

A imprensa arquivou muitas provas da incorreção, com que grande parte da força expedicionária procedeu, enquanto se demorou na capital da Bahia. Conflitos com os soldados de polícia, assaltos a bondes, invasão de casas particulares, agressões a pessoas inermes, violência contra hoteleiros e vendilhões, desacato a senhoras indefesas, eis aí – numa síntese muito rápida – os frutos da prevenção infundada, com que desembarcou em terra digna de acatamento e de amor a quarta expedição contra Canudos. (MILTON, 2003, p. 98)

A quarta expedição ficou sob o comando do general Artur Oscar. Milton (2003, p. 109), a descreve assim: “Do alto da Favela se observava esse duelo de morte, em que desgraçadamente se batiam brasileiros contra brasileiros. Todos os corações palpitavam de anseio e de dor”. Canudos, a partir do início da quarta expedição, fugiu do controle para ambos os lados, pois enquanto no início da terceira expedição o coronel Moreira César tinha apenas como objetivo prender os revoltosos, a quarta expedição tinha como objetivo exterminar Canudos da face da terra, afim de limpar sua honra das derrotas anteriores, de colocar um ponto final a esse conflito, reestabelecer a ordem pública. Por outro lado, os conselheiristas que antes comemoravam suas vitórias, passam a temer e a se apegar na única garantia que o Conselheiro assegurava que era a salvação da alma.

A quarta expedição, de início, conseguiu avançar sobre Canudos, após um breve reconhecimento real da situação, o general Artur Oscar se dá conta de que para vencer a sua tropa necessitaria de reforço. O general solicita o reforço de 5.000 praças para se juntar aos seus 2.600 homens. Se torna esmagadora a força militar ali envolvida após o pedido de reforço ser atendido. Além do mais, a força expedicionária dispunha de canhões e bombardeavam Canudos buscando causar mais danos. Mesmo com uma quantidade significativa de praças para o confronto, de armamentos superiores aos de Canudos, a quarta expedição não foi tão fácil quanto parecia, foi um jogo em que Canudos não se rendeu.

Para Milton (2003, p. 115), “A opinião pública, porém, não se mostrava satisfeita; ela exigia muito mais. A demora em se pôr termo a uma luta que tanto emocionava o espírito nacional, dava lugar a comentários de toda ordem”. Só bastaria um novo esforço para reestabelecer a ordem e vingar a lei. Uma tática essencial para os jagunços era ver e não serem vistos e isso era possível por serem conhecedores do território e conseguiam atacar sem serem notados. O general Artur Oscar lamentou que os jagunços fossem tão resistentes em sua defesa de causas erradas.

4 Considerações finais

O trabalho em questão surgiu da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o sertão e o homem sertanejo através da Guerra de Canudos, como fontes usamos **Os Sertões** de Euclides da Cunha, **A guerra do fim do mundo** de Mario Vargas Llosa, e **A Campanha de Canudos** de Aristides Augusto Milton. Outra obra usada foi **A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito**, de Fernando Cristóvão.

O conceito de memória dividida foi empregado para entender as memórias sobre Canudos, o sertão, o homem sertanejo e as motivações do conflito armado.

Sobre a obra **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, ela foi importante por atentar a cada detalhe ao descrever a formação geográfica do sertão, relevos, clima, vegetação, fauna e flora. Também atenta para as questões do homem sertanejo. No que diz respeito a luta, aponta as causas do conflito, os motivos por parte do Conselheiro, do governo e o confronto.

A obra **A guerra do fim do mundo**, de Mario Vargas, foi importante por traçar um perfil do Conselheiro, descrevendo seus aspectos físicos, vestimentas, suas peregrinações, pregações, o recrutamento dos seguidores, breves histórias sobre a vida dos seguidores mais próximos do Conselheiro, por exemplo João Abade e Antônio, o beatinho.

Sobre a obra **A Campanha de Canudos**, de Aristides Augusto Milton, ela destaca a visão equivocada por parte do governo em afirmar que os acontecimentos em Canudos buscavam restaurar a monarquia. Aponta, também, o Conselheiro como sendo um louco e sonhador e que ele e seus seguidores representavam a formação de uma seita. Aponta a insatisfação do Conselheiro com a separação da Igreja do Estado, do casamento civil entre outros fatores se tornando a causa real do conflito, além disso mostra que Canudos se precaveu de futuras retaliações por parte do governo que já construiu suas casas de forma estratégicas onde possibilitaria uma resistência mais eficiente frente ao um possível ataque.

Não seria possível compreender Canudos sem abrir um espaço para se analisar o sertão, ou melhor, a região sertaneja. A obra **A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito**, de Fernando Cristóvão, discute sobre o sertão dividido em três visões: como paraíso, inferno e purgatório.

Em Canudos ninguém saiu vitorioso, pois o conflito gerou percas de vidas, dinheiro e tempo. Por parte de Canudos, o sofrimento, fome e violência presentes no seu dia a dia faz com que as pessoas vejam em um homem a oportunidade de resolver os problemas do sertão. Canudos se torna resultado do descaso do governo para com o povo que possibilitou um único homem com base em uma religiosidade busca resolver os problemas regionais e dar uma resposta para o governo.

Compreende-se que poderia haver uma brecha para o diálogo e evitar todo o caos. Mas, o governo queria demonstrar sua força, enquanto Conselheiro e seus seguidores estavam dispostos a morrerem para defender aquilo em que acreditavam levando o confronto armado a níveis elevados. Por fim, não cabe julgar o Estado ou Canudos como vilões ou mocinhos da história, mas deixar um questionamento se essa guerra seria mesmo necessária? Ou, não passou de um mal entendido que, aos poucos, foi ganhando força e saindo fora do controle. Não se sabe, só se tem a certeza que Canudos entrou para história do país mostrando um governo fraco e um povo forte mesmo que diante de uma causa sem sentido.

Referências

CRISTÓVÃO, F. (1994). A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). Revista USP, (20), 42-53. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i20p42-53>>. Acessado em 04/01/2021.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MILTON, Aristides Augusto. **A Campanha de Canudos**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. Vol. 5. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1070>>. acessado em 16/12/2019.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br>>. Acessado em 05/04/2021.